



XXVIII ENFERMAIO

Repercussões das mudanças climáticas no mundo e sua influência na saúde

REALIZAÇÃO:



APOIO:



MULHERES INVISÍVEIS: O CLIMATÉRIO À MARGEM DA SOCIEDADE E DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Liene Ribeiro de Lima¹
Ismael Moreira de Sousa²
Vanessa Silva de Castro Monte³
Hilderlânia de Freitas Lima⁴
Sarah Noronha Ernandes⁵
Ana Virgínia de Melo Fialho⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: PÓS-GRADUAÇÃO - EIXO 3: Enfermagem em Saúde da mulher e Saúde da Criança e do Adolescente

RESUMO

INTRODUÇÃO: O climatério é uma fase natural marcada por alterações hormonais importantes, frequentemente negligenciada social e assistencialmente. Este estudo objetiva realizar uma reflexão crítica sobre a invisibilidade social e assistencial vivenciada pelas mulheres durante o climatério. **MÉTODO:** Utilizou-se abordagem metodológica reflexiva, sustentada por análise interpretativa da literatura especializada nas bases SciELO, MEDLINE e LILACS, buscando compreender as implicações sociais e assistenciais enfrentadas pelas mulheres climatéricas. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** Constatou-se que culturalmente prevalece a valorização da juventude e capacidade reprodutiva, associando o climatério ao envelhecimento e perda de valor social, gerando baixa autoestima e isolamento. Estruturalmente, os serviços de saúde priorizam a atenção reprodutiva, negligenciando demandas específicas dessa fase, resultando em serviços insuficientes e fragmentados. Institucionalmente, a fragmentação entre níveis assistenciais e a falta de capacitação profissional agravam essa situação. **CONCLUSÃO:** Observa-se que mudanças culturais e políticas são essenciais para valorizar integralmente a fase do climatério, garantindo uma formação adequada dos profissionais, serviços integrados e acessíveis, como também diálogos abertos que reduzam desigualdades e melhorem a qualidade de vida dessas mulheres.

Palavras-Chave: Climatério; Serviços de Saúde da Mulher; Equidade em Saúde.

INTRODUÇÃO

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

²Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará

³Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará

⁴Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará

⁵Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Ari de Sá (FAS)

⁶Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará (UECE)

O climatério é uma fase natural da vida feminina que marca a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo. É caracterizado por alterações hormonais, especialmente pela redução dos níveis de estrogênio, desencadeando sintomas físicos e emocionais como fogachos, insônia, irritabilidade, diminuição da libido e depressão (Silva *et al.*, 2022).

Apesar de ser um processo fisiológico e inevitável, essa etapa da vida da mulher ainda é envolta por silêncios, mitos e tabus, o que compromete o reconhecimento de suas necessidades e, conseqüentemente, a sua qualidade de vida. Aliado a isso, essa fase é frequentemente negligenciada pela sociedade e pelos serviços de saúde, ocasionando ainda mais a piora da qualidade de vida dessas mulheres (Ribeiro *et al.*, 2024).

No Brasil, historicamente, a atenção à saúde da mulher priorizou a fase reprodutiva, focando na gestação e parto, desconsiderando as demandas específicas do climatério. Mesmo com o avanço das políticas públicas, como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), a assistência à mulher durante o climatério permanece fragmentada e insuficiente. Resultando assim em tratamento inadequado nos serviços de saúde, onde frequentemente prevalece uma medicalização excessiva, especialmente em casos de depressão, sem uma abordagem integral e um escuta qualificada que considere aspectos emocionais, físicos e sociais (Costa, Campos, Santos, 2024).

A invisibilidade social das mulheres na fase do climatério é reforçada por construções socioculturais que exaltam a juventude, a beleza estética e a fertilidade como símbolos máximos do valor feminino. Nesse cenário, essa mulher passa a ser percebida como alguém que perdeu sua vitalidade, o que pode gerar sentimentos de inadequação, vergonha, isolamento e baixa autoestima. Muitas vivem essa fase em silêncio, sem espaço para dialogar sobre suas experiências, o que perpetua um ciclo de sofrimento silencioso (Teran, Cancino, 2025).

Além disso, é importante destacar que o climatério não afeta todas as mulheres da mesma forma. Fatores como classe social, raça/etnia, escolaridade e acesso aos serviços de saúde interferem diretamente na forma como cada mulher vivencia essa fase. Mulheres em situação de vulnerabilidade social enfrentam ainda mais barreiras, seja pela dificuldade de acesso aos serviços especializados, seja pela ausência de informações acessíveis que orientem o autocuidado e os direitos à saúde. A interseccionalidade, portanto, é um aspecto essencial a ser considerado na elaboração de políticas públicas e práticas assistenciais (Santos, Souza, 2022).

Outro aspecto relevante é o papel dos profissionais de saúde nesse processo. A formação acadêmica ainda é insuficiente no que diz respeito ao climatério, o que repercute na baixa resolutividade dos atendimentos e no despreparo para acolher as demandas subjetivas das

pacientes. Nesse contexto, torna-se urgente investir na capacitação permanente desses profissionais, promovendo uma abordagem que vá além da fisiologia e incorpore aspectos emocionais, sociais e culturais da vivência climatérica (Pereira *et al*, 2016).

Assim, é essencial que as políticas públicas ampliem seu escopo para incluir ações específicas voltadas ao climatério, promovendo uma abordagem integral e humanizada que contemple aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Estratégias educativas, grupos de apoio e capacitação contínua de profissionais de saúde são essenciais para desmistificar o climatério, reduzir estigmas e melhorar a qualidade assistencial e social para essas mulheres (Costa, Campos, Santos, 2024).

O objetivo deste estudo é realizar uma reflexão crítica sobre a invisibilidade social e assistencial vivenciada pelas mulheres durante o climatério.

MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem reflexiva com o objetivo de analisar criticamente a invisibilidade das mulheres no climatério, tanto na sociedade quanto nos serviços de saúde, com ênfase na equidade em saúde. A reflexão visa compreender as implicações sociais, culturais e assistenciais enfrentadas por essas mulheres, articulando tais aspectos ao conhecimento científico atual.

Para fundamentar a análise, foram realizadas leituras interpretativas de literatura especializada, utilizando artigos e publicações disponíveis nas bases SciELO, MEDLINE e LILACS, acessadas pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nos meses de fevereiro e março de 2025. Os descritores utilizados para a busca foram: "Climatério AND Serviços de Saúde da Mulher AND Equidade em Saúde", conforme a terminologia dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

A proposta busca identificar os fatores estruturais, culturais e institucionais que perpetuam desigualdades e a invisibilidade das mulheres climatéricas, além de discutir possíveis estratégias para enfrentamento dessas questões tanto na assistência à saúde quanto no contexto social. Com isso, pretende-se contribuir para o debate acadêmico e profissional, promovendo a sensibilização e a formulação de práticas e políticas públicas mais inclusivas e eficazes voltadas à saúde da mulher nessa fase da vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O climatério representa uma fase de transição para a menopausa frequentemente marcada pela invisibilidade social e assistencial das mulheres que o atravessam. Essa marginalização decorre de fatores estruturais, culturais e institucionais que perpetuam desigualdades e limitam o acesso adequado aos cuidados de saúde (Costa, Campos, Santos, 2024). Longe de ser um evento exclusivamente biológico, o climatério é atravessado por significados sociais que moldam a forma como a mulher se percebe e é percebida, influenciando diretamente sua vivência desse período (Silva, Lopes, 2010).

Socialmente, a cultura atual exalta a juventude e a fertilidade, vinculando o envelhecimento da mulher à perda de atratividade e valor social. Essa perspectiva influencia a forma como o climatério é vivenciado, despertando sentimentos de inutilidade e baixa autoestima. Aliado a isso, a falta de diálogo sobre o tema perpetua tabus e desinformação, dificultando o acesso ao suporte necessário e afetando negativamente a saúde mental e a qualidade de vida dessas mulheres (Cronin *et al.*, 2025). Muitas mulheres relatam não se sentirem representadas em campanhas de saúde ou em discussões públicas, o que aprofunda o sentimento de exclusão e silenciamento (Coelho, Volotão, 2019).

Nos serviços de saúde, a estrutura assistencial historicamente prioriza cuidados relacionados à gestação e parto, negligenciando as necessidades específicas das mulheres climatéricas. Tal situação reflete-se na escassez de serviços especializados, incluindo suporte psicológico, aconselhamento, terapias complementares e programas de educação em saúde voltados à fase climatérica. A ausência de políticas públicas específicas e a insuficiência na capacitação de profissionais reforçam a lacuna assistencial, privando as mulheres do suporte necessário nesta etapa (Costa, Campos, Santos, 2024).

Institucionalmente, a fragmentação entre os níveis de atenção à saúde compromete a continuidade dos cuidados, especialmente na atenção primária, frequentemente despreparada para reconhecer e acolher as demandas dessa população. A falta de programas educativos específicos desenvolvidos por profissionais de saúde agrava essa situação, perpetuando práticas inadequadas e contribuindo para a invisibilidade das mulheres no climatério. Em muitos casos, as queixas das pacientes são banalizadas ou reduzidas a manifestações emocionais sem importância, o que reforça a medicalização em detrimento da escuta qualificada (Costa, Campos, Santos, 2024).

Para superar essas questões, são necessárias mudanças culturais que valorizem todas as etapas da vida feminina, associadas à implementação de políticas públicas que reconheçam o climatério como prioridade, promovendo formação contínua dos profissionais e ofertando serviços de saúde integrados e acessíveis (Cronin *et al.*, 2025). É fundamental considerar o

climatério como parte do ciclo vital da mulher, e não como uma anomalia ou doença, promovendo a construção de um cuidado mais sensível, acolhedor e centrado na pessoa (Brasil, 2022).

Ademais, torna-se indispensável o fortalecimento de ações intersetoriais, que integrem saúde, educação, mídia e movimentos sociais, no sentido de desconstruir os estigmas que envolvem o climatério. Campanhas informativas, rodas de conversa em Unidades de Atenção Primária à Saúde (UAPS) e inclusão do tema em currículos escolares e universitários podem contribuir para um ambiente social mais acolhedor, que legitime as experiências dessas mulheres e promova sua autonomia (Brasil, 2024).

Outro ponto relevante é a necessidade de garantir equidade no acesso aos serviços de saúde. Mulheres negras, indígenas, periféricas ou em situação de pobreza enfrentam barreiras ainda maiores para acessar cuidados adequados durante o climatério. Essas desigualdades precisam ser combatidas com políticas públicas específicas que levem em consideração os determinantes sociais da saúde, com ações focalizadas que promovam justiça social e saúde integral para todas (Brasil, 2017).

Além disso, a valorização de práticas integrativas e complementares no cuidado à mulher climatérica, como acupuntura, fitoterapia, meditação e atividade física orientada, pode ser uma estratégia eficaz e humanizada. Tais práticas favorecem a promoção da saúde e o bem-estar, ampliando as possibilidades terapêuticas além do uso exclusivo de medicamentos. Para isso, é necessário incluir essas abordagens nos serviços ofertados pelo SUS, com investimento em estrutura e capacitação dos profissionais (Schveitzer, Esper, Silva, 2012).

Por fim, é fundamental incluir as próprias mulheres climatéricas nos espaços de escuta, planejamento e avaliação das políticas e serviços que lhes dizem respeito. Ouvir suas experiências, desejos e necessidades é um passo essencial para romper com a lógica verticalizada do cuidado e construir estratégias verdadeiramente efetivas. A escuta ativa e o protagonismo das mulheres devem ser pilares de qualquer proposta que vise à superação da invisibilidade e ao fortalecimento da saúde da mulher em todas as fases da vida.

CONCLUSÃO

A invisibilidade social e assistencial das mulheres no climatério é resultado de fatores interligados que envolvem construções culturais, desigualdades sociais e lacunas nos serviços de saúde. O despreparo dos profissionais, a escassez de políticas públicas específicas e a ausência de espaços de escuta contribuem para a negligência dessa fase, comprometendo a

saúde física, emocional e social das mulheres. É fundamental promover mudanças culturais que valorizem o climatério como uma etapa natural e significativa da vida feminina, além de investir na capacitação profissional e no fortalecimento da atenção integral e humanizada.

Para isso, é necessário fomentar estratégias educativas que estimulem o diálogo aberto sobre o tema, combatam tabus e promovam a autonomia das mulheres. A inclusão do climatério nas agendas de saúde pública, com políticas específicas e ações intersetoriais, é urgente e indispensável. Valorizar e cuidar das mulheres climatéricas é reconhecer seus direitos, sua dignidade e seu protagonismo em todas as fases da vida, contribuindo para uma sociedade mais justa, inclusiva e sensível à diversidade da experiência feminina

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher2.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de Atenção às Mulheres no Climatério e Menopausa**. Ribeirão Preto: Secretaria Municipal da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/pdf/saude658202212.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2025.

COELHO, Naiara; VOLOTÃO, Amanda. Não serei interrompida: o processo de silenciamento feminino no espaço político brasileiro. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 5, n. 2, p. 29-46, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/download/35033/23128/160852>. Acesso em: 04 abr. 2025.

COSTA, Kelyane Silva da; CAMPOS, Vitória Andrade; SANTOS, Edméa Maria de Paiva dos. Os cuidados de enfermagem à mulher no climatério. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 2146–2167, nov. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385876845_OS_CUIDADOS_DE_ENFERMAGEM_A_MULHER_NO_CLIMATERIO. Acesso em: 29 mar. 2025.

CRONIN, Camille; DONEVANT, Sara B.; HUGHES, K. A.; KAUNONEN, Marja; MARCUSSEN, Jette; WILSON, Rhonda. Amplifying Women's Voices in Menopause Research: The Importance of Inclusive Perspectives. **Health Expectations**, v. 28, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hex.70163>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PEREIRA, Ana Beatriz Silva; MARTINS, Cláudia Araújo; PEREIRA, Maria da Silva; LIMA, José Roberto; SOUZA, Ana Cristina Silva; REAM, Patrícia Silva Ferreira. Atenção ao climatério realizada por profissionais da estratégia saúde da família. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 24, e13122, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/download/13122/17861/78461>. Acesso em: 04 abr. 2025.

RIBEIRO, Lisa Santos Carvalho; RODRIGUES, Isaú D'Ávila; FERREIRA, Karoline Bandeira; FERREIRA, Juliana Barros. Percepção das mulheres sobre o climatério e menopausa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, e3913345281, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378978985_Percepcao_das_mulheres_sobre_o_climaterio_e_menopausa. Acesso em: 29 mar. 2025.

SANTOS, Milene Pereira de Souza; SOUZA, Márcio Costa de. Interseccionalidade e cuidado em saúde: experiências de mulheres negras com câncer de mama. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 16, n. 7, e243740, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368780754_INTERSECCIONALIDADE_E_CUIDADO_EM_SAUDE_EXPERIENCIAS_DE_MULHERES_NEGRAS_COM_CANCER_DE_MAMA_INTERSECTIONALITY_AND_HEALTH_CARE_EXPERIENCES_OF_BLACK_WOMEN_WITH_BREAST_CANCER. Acesso em: 04 abr. 2025.

SCHVEITZER, Mariana Cabral; ESPER, Marcos Venicio; SILVA, Maria Júlia Paes da. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária em Saúde: em busca da humanização do cuidado. **O Mundo da Saúde**, v. 36, n. 3, p. 442-451, 2012. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/praticas_integrativas_complementares_a_tencao_primaria.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

SILVA, Ingrid Möller da; SANTOS, Ana Maria Pujol Vieira dos; BURG, Maria Renita; MARTINS, Maria Isabel Morgan. A percepção de mulheres a respeito dos sinais e sintomas do climatério/menopausa e sua relação com a qualidade de vida. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e27374127374, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/27374/24017/320573>. Acesso em: 04 abr. 2025.

SILVA, Maria Aparecida da; LOPES, Maria José. Mulher no climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 566-577, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ZQXKfnnxtSW3FBkTFqM86MB/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

TERÁN-MENDOZA, Oscar; CANCINO, Vicente. Ageism and Loneliness in People Over 50: Understanding the Role of Self-Perception of Aging and Social Isolation in a Chilean Sample. **Journal of Gerontology & Geriatric Research**, 2025. Disponível em: https://scispace.com/papers/ageism-and-loneliness-in-people-over-50-understanding-the-3pevyofl16?utm_source=chatgpt. Acesso em: 29 mar. 2025.